



ARQUIDIOCESE
DE LONDRINA

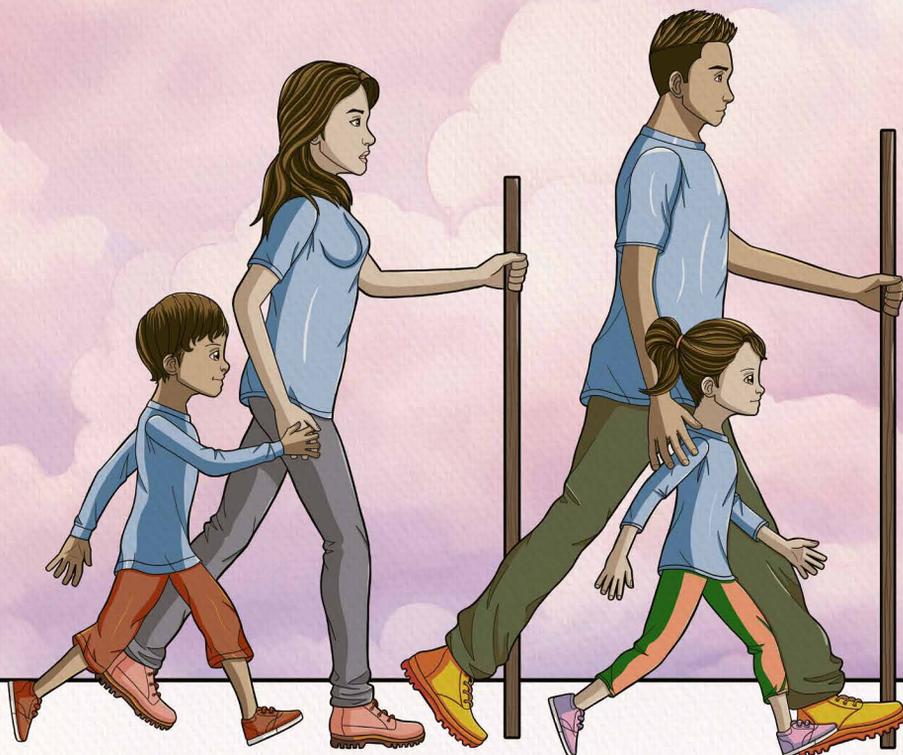
CARTA PASTORAL

sobre o Jubileu de Esperança 2025

“A esperança não decepciona”

(Rm 5,5)

Dom Geremias Steinmetz





CARTA PASTORAL

sobre o Jubileu de Esperança 2025

“A esperança não decepciona”

(Rm 5,5)

Dom Geremias Steinmetz

ILUSTRAÇÕES: **Alves Capa**



**ARQUIDIOCESE
DE LONDRINA**

“A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA”

(RM 5,5)

1. INTRODUÇÃO. O Povo de Deus da Arquidiocese de Londrina: seu arcebispo, seus padres diocesanos e religiosos, suas religiosas, seus diáconos, seus catequistas, seus ministros, leigos e leigas e todas as pessoas de boa vontade, quer unir-se ao Santo Padre o Papa Francisco, para celebrar o JUBILEU DE ESPERANÇA em 2025. A Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano de 2025, *Spes non Confundit* – A esperança não decepciona (Rm 5,5) - foi publicada no dia 9 de maio de 2024. A preparação do Ano Jubilar deu-se, durante o ano de 2023, trazendo à memória e sugerindo sua retomada, das quatro Constituições do Concílio Vaticano II, de cujo encerramento celebraremos 60 anos em dezembro de 2025: *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963); *Lumen Gentium* (21 de novembro de 1964); *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965) e *Gaudium et Spes* (07 de dezembro de 1965). O Papa Francisco solicitou ao Dicastério para a Evangelização que publicasse temas relacionados a estas constituições, sugerindo um novo esforço pela recepção do Concílio Vaticano II. Estes foram traduzidos e publicados pelas Edições CNBB. O Regional Sul II da CNBB fez um esforço e divulgou as 34 publicações em vídeos que podem ser encontrados no site do Regional Sul II (www.cnbbs2.org.br), para serem aproveitados na formação do Povo de Deus.

2. ANO DA ORAÇÃO. O ano de 2024 foi caracterizado como o Ano da Oração, em vista do Jubileu de Esperança. Da mesma forma o Santo Padre pediu que fossem publicados fascículos sobre a Oração. Papa Francisco assim fala: *“De fato, em nosso tempo sentimos, cada vez mais forte, a necessidade de uma verdadeira espiritualidade, capaz de responder às grandes indagações que surgem diariamente em nossa vida”* (Papa Francisco – Prefácio dos Cadernos sobre a Oração). Há crises que provocam morte, destruição e pobreza. Que acentuam a cultura da indiferença e do descarte, sufocam aspirações de paz e solidariedade e deixam Deus às margens da vida pessoal e social. Precisamos, portanto, que a nossa oração suba com maior insistência ao Pai, para que ouça a voz daqueles que se voltam a Ele na confiança de serem atendidos. Sobre essa coleção de 8 volumes, a Arquidiocese de Londrina publicou uma série de podcasts, que podem ser encontrados em seu site (www.arquidioceselondrina.com.br) e igualmente utilizados na formação espiritual da comunidade. Portanto, estamos aqui para ajudar as comunidades da Arquidiocese de Londrina a viverem bem este Jubileu e renovar a fé e a esperança que brotam do Mistério Pascal de Jesus Cristo.

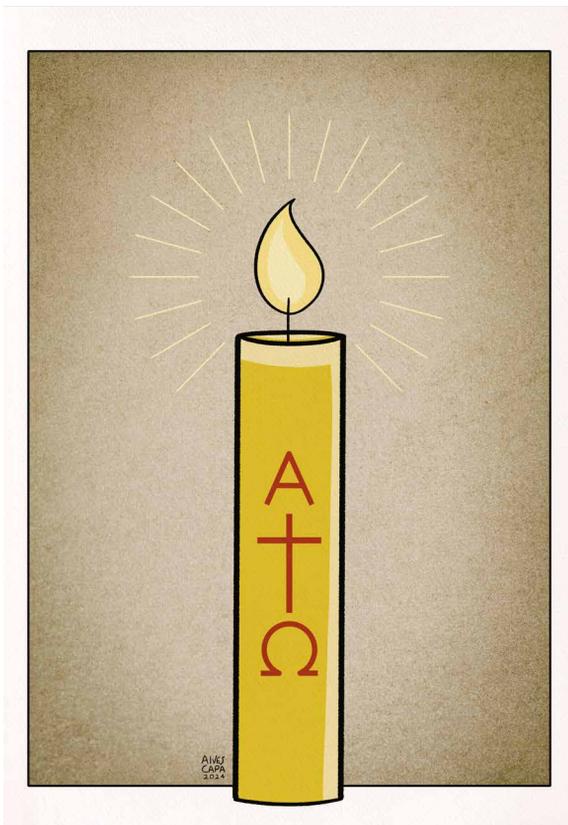


3. TEMA DO JUBILEU. O tema do Jubileu 2025 é “*A esperança não decepciona! (Rm 5,5)*”. Mas qual é a nossa Esperança? A nossa esperança está em Deus porque nós somos vocacionados para Deus desde sempre. A esperança cristã vive da experiência do Cristo ressuscitado, em quem Deus realizou todas as coisas. Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, em Jesus Cristo se realizou tudo o que Deus sonhou para a humanidade. Pelo Mistério da Ascensão, é gerada em quem crê uma esperança que transcende a própria existência e vai para a eternidade, para Deus. Desejamos que o Jubileu 2025 “*possa ser, para todos, um momento de encontro vivo e pessoal com o Senhor Jesus, ‘porta’ de salvação (Jo 10,7-9)*” (FRANCISCO, 2024, n.1). É um encontro que nos faz novas criaturas e a esperança possibilita viver já no presente esta expectativa futura, mesmo que em tensão, pois aquilo que foi prometido ainda não se manifestou em plenitude (1Jo 3,2), o que nos coloca, neste tempo e nesta história, no andar da esperança; na esperança pela qual fomos salvos (Rm 8,24).

4. O DOM DA ESPERANÇA. A fé é esperança (BENTO XVI, 2007, n.2), e a esperança cristã é a esperança da fé (MOLTMANN, 2005, p.34). Por um lado, podemos garantir que a esperança é uma virtude, logo ela não acontece apenas pelo ímpeto humano, mas é suscitada pelo próprio Deus, portanto, ela é dom. Por outro lado, esta esperança que emana de Deus e toca o mais íntimo do ser humano confronta-se com um mundo adverso no qual, aquele que espera e vive dessa esperança, sente-se desafiado a dar as suas razões. É ter esperança contra toda a esperança (Rm 4,18). Vista desta forma, a esperança cristã provoca o ser humano a agir, coloca-o em movimento, para frente. Somos continuamente convocados a renovar a esperança contra tudo que possa nos levar à desesperança.

5. A ESPERANÇA CRISTÃ. O que é específico na esperança cristã e que dá a ela todo este caráter escatológico não é apenas uma espe-

ra de alguma coisa, mas uma espera em Cristo, e em Cristo se realizam todas as coisas, n'Ele tudo se torna novo (Ap 21,5). A esperança cristã nos faz perceber este futuro novo ao qual somos chamados por Deus. Este futuro prometido nos é antecipado pela experiência de fé no Ressuscitado, uma experiência fundante e que nutre toda a esperança. Cristo ressuscitado é, pois, a personificação das coisas últimas e é Ele que dá sentido à história, Ele a enche de conteúdo.



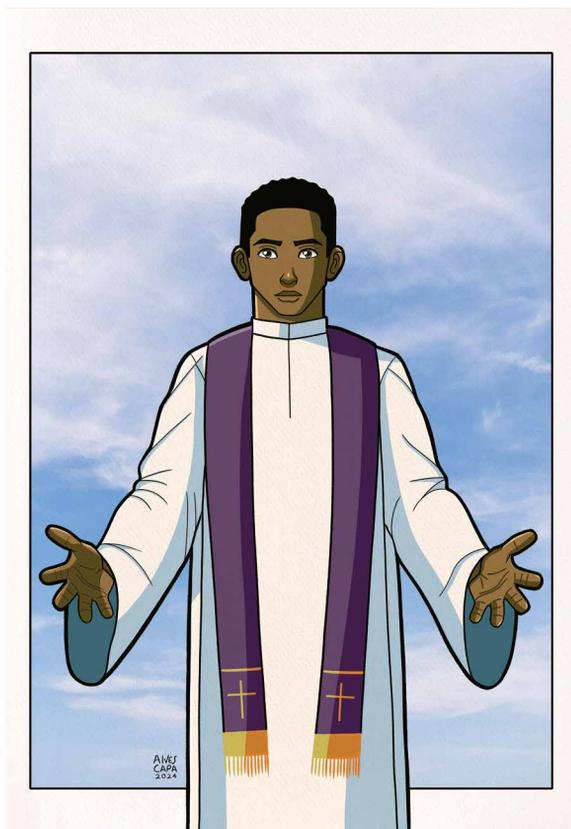
6. CRISTO, NOSSA ESPERANÇA. No Novo Testamento temos, em Cristo, o cumprimento de todas as promessas e a abertura para o Novo, que aponta para o futuro em Deus. Cristo faz acontecer o Reino em sua própria pessoa (Mt 11,5-6). Ele é “*aquele que vem*” (Mt 3,11) e traz vida a este mundo e faz justiça (Lc 4,18-19). Ele é o Emanuel (Mt 1,23), a ressurreição e a vida (Jo 11,25). Tudo aquilo que já se realizou em Cristo é para nós motivo de alegria (Fl 4,4) e de esperança (Cl 1,27), pois somos chamados ao mesmo futuro, à ressurreição (1Cor 15,14). Em Cristo Deus criou todas as coisas, e neste mundo Ele se rebaixou (Fl 2,6-11), a fim de conduzir o tempo à plenitude (Ef 1,3-14).

7. A ESPERANÇA CRISTÃ NÃO É FUGA DA REALIDADE DO MUNDO. Essa é a melhor maneira de se entender hoje a esperança cristã. É necessário fazê-lo de forma dialética, sem que a esperança apareça como uma fuga do mundo e sem também que se perca na imanência da história. Faz valer no mundo a vontade de Deus e percebe, nesse mundo, os momentos de manifestação de sua presença, tempos e momentos favoráveis da graça de Deus. A esperança será sempre virtude, porque vem de Deus e emana de Sua vontade, sendo perceptível a nós pela fé (Hb 11,1). Essa esperança será também força, porque acontece no grito do povo que sofre, que trabalha e que clama a Deus a sua justiça e espera ansiosamente sua libertação futura. Isso se faz sentir desde a experiência do Êxodo (Êx 3,7-8) até o tempo atual. A relação dialética entre estas duas noções da mesma esperança é o que vai garantir que se chegue à grande esperança, a Esperança última, que, como foi explicitado na Exortação *Verbum Domini*, tem rosto humano e nos amou até o fim (BENTO XVI, 2010, n.91b).

8. O REINO DE DEUS. A base de toda a fé cristã, por certo de toda a esperança, está no Cristo ressuscitado. A experiência desse evento nos primeiros discípulos constituiu o alimento de toda a esperança, a única força capaz de gerar vida em meio à morte e de gerar confiança em meio a tribulações. Isso se torna verdadeiro, por exemplo, pela frase situada no Evangelho de João, durante a narrativa de Lázaro que, aliada ao contexto da comunidade (perseguida) a quem se destinava o Evangelho, diz de maneira intensa: “*Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá*” (Jo 11,25-26). Ele se reproduz em toda a comunidade primitiva, onde a experiência do Ressuscitado era fonte de vida e de transformação já nesta vida (Rm 6,1-11; Cl 2,12-13; 3,1); vivia-se ali o germen da ressurreição, caminhando de forma peregrina ao encontro absoluto, semeado e vivido na esperança. Percebemos aqui

que uma forma concreta de viver a esperança é aderir a esta proposta do Reino de Deus querido e pregado por Jesus na Sua caminhada neste mundo. Todas as vezes que optamos pelo bem, pela justiça, pela fraternidade, pela misericórdia colaboramos com o Reino de Deus proclamado por Jesus.

9. AS INDULGÊNCIAS JUBILARES. *“A Indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal, devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa. Remissão que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica autoritativamente o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos”* (CDC Can. 992). Somos convocados a trilhar um Caminho de Esperança. O encontro com o Senhor nutre e robustece a esperança por meio da graça do Perdão. Desde longo tempo acontecem experiências jubilares de perdão. *“A peregrinação, o pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido da vida. A peregrinação a pé favorece muito a descoberta do valor do silêncio, do esforço, da essencialidade”* (FRANCISCO, 2024, n. 5).



10. O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA. A Indulgência é uma graça jubilar que permite, em virtude da oração, descobrir como é ilimitada a misericórdia de Deus. Pretende exprimir a plenitude do perdão de Deus que não conhece limites. O Sacramento da Penitência assegura-nos que Deus apaga os nossos pecados. A reconciliação sacramental não é apenas uma estupenda oportunidade espiritual, mas representa um passo decisivo, essencial e indispensável no caminho da fé de cada um. Ali permitimos ao Senhor que destrua os nossos pecados, saia o nosso coração, que nos levante e abrace, nos faça conhecer o seu rosto terno e compassivo. Na verdade, não há modo melhor de conhecer a Deus do que deixar-se reconciliar por Ele (2 Cor 5,20), saboreando seu perdão. Por isso, não renunciemos à confissão, mas descubramos a beleza do Sacramento da cura e da alegria, a beleza do perdão dos pecados. O Papa Francisco alerta para que *“nas Dioceses, deve ser dada uma atenção especial à preparação dos sacerdotes e dos fiéis para as Confissões e para o acesso a este sacramento na sua forma individual”* (2024, n.5).

11. COMO RECEBER A INDULGÊNCIA PLENÁRIA JUBILAR?

- a. Confessar-se individualmente até, no máximo, uma semana antes da Missa que encerra a peregrinação. Não precisa ser no mesmo dia;
- b. Participar da formação oferecida no Santuário Nossa Senhora Aparecida de Londrina;
- c. Fazer a caminhada indicada pela Arquidiocese de Londrina;
- d. Participar da Eucaristia e comungar;
- e. Rezar nas intenções do Santo Padre, o Papa;
- f. Os fiéis arrependidos que não puderem participar nas celebrações solenes, nas peregrinações e nas importantes visitas por motivos graves (idosos, doentes, reclusos, os que prestam serviços em hospitais, asilos, etc), receberão a indulgência jubilar nas mesmas condições unidos em espírito aos fiéis presentes, sobretudo nos mo-

mentos em que as palavras do Santo Padre, dos bispos diocesanos forem transmitidas através dos meios de comunicação, recitarem nas suas casas ou nos lugares onde o impedimento os retêm o Pai Nosso, a Profissão de Fé em qualquer forma legítima e outras orações em conformidade com as finalidades do Ano Santo, oferecendo os seus sofrimentos ou as dificuldades da sua vida;

g. Além disso, os fiéis poderão obter a Indulgência Jubilar se, com ânimo devoto, participarem em missões populares, em exercícios espirituais ou em encontros de formação sobre os textos do Concílio Vaticano II e do Catecismo da Igreja Católica, que se realizem numa igreja ou noutra lugar adequado, segundo a intenção do Santo Padre.

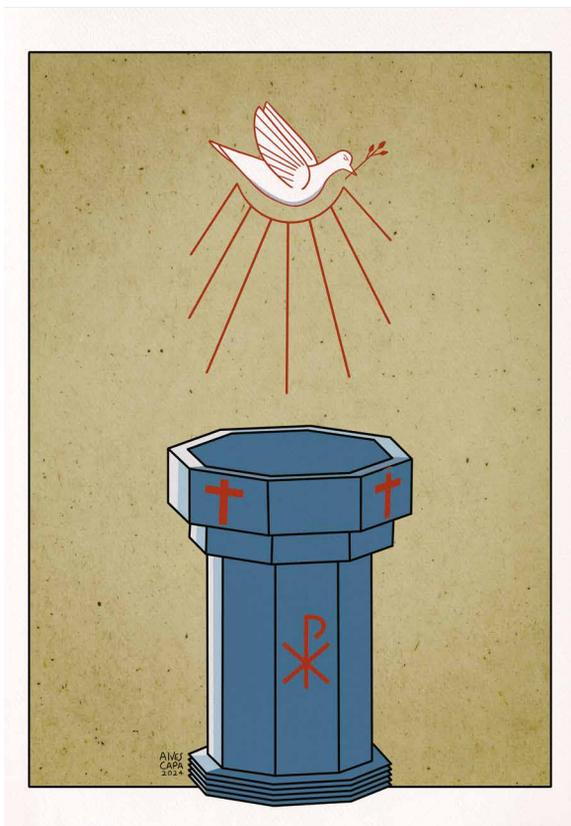
12. SINAIS DO JUBILEU.

Contemplamos os sinais do Jubileu no seu rito solene de abertura. O primeiro sinal é a porta. A entrada do povo de Deus na Catedral se faz pela porta principal, sinal de Cristo (Jo 10,9). Na porta o bispo ergue a cruz, segundo sinal, convidando o povo à veneração da cruz do qual pendeu a salvação do mundo. Em seguida, o bispo dirige-se para a pia batismal, terceiro sinal. O batismo, porta de entrada no caminho da



iniciação cristã, é o primeiro sacramento da nova aliança pelo qual os homens são chamados, e são de fato, filhos de Deus, inseridos no corpo do Cristo Ressuscitado.

Não teremos Porta Santa nas dioceses, somente em Roma. Algumas Conferências Episcopais pediram a Porta Santa nas dioceses. A resposta oferecida por Carta Oficial foi esta: *“Embora na mais sensível consideração das motivações pastorais e devocionais que possam ter sugerido tão louvável aspiração,*



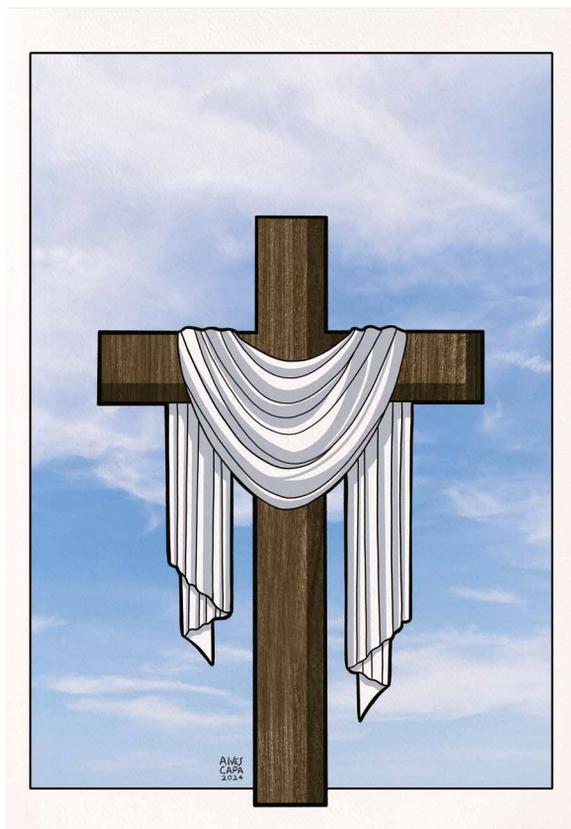
julga-se todavia necessário recordar as precisas indicações estabelecidas pelo Santo Padre na Bula Spes non confundit, de Proclamação do Jubileu 2025”. A Bula *Spes non confundit* indica as Portas Santas na Basílica de São Pedro e das outras três Basílicas Papais, ou seja, São João do Latrão, Santa Maria Maior e São Paulo Fora dos Muros (n. 6), com exceção, por desejo expresso do Santo Padre, da abertura de uma Porta Santa numa prisão *“para oferecer aos presos um sinal concreto de proximidade”* (n. 10). É sabido que o sinal peculiar e identificador do Ano Jubilar, tal como foi transmitido desde o primeiro Jubileu no ano 1300, é a indulgência que *“pretende exprimir a plenitude do perdão de Deus que não conhece fronteiras”* (n. 23), através do Sacramento da Penitência e dos sinais da caridade e da esperança (n. 7-15).

13. SINAIS DE CARIDADE E DE ESPERANÇA. O Santo Padre, na Bula de proclamação do Jubileu, também quer oferecer ao mundo, às outras religiões e aos governos, propostas que certamente ajudarão na construção de um mundo melhor, mais fraterno e solidário. São os sinais de Caridade e de Esperança:

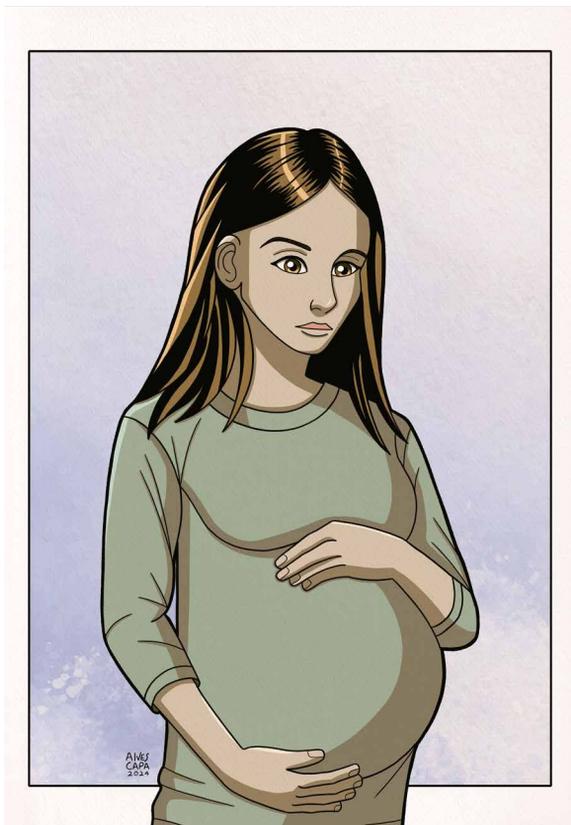
Uma data comum para a Páscoa: No documento, o Papa Francisco recorda dois importantes aniversários: a celebração, em 2033, dos 2000 anos da Redenção e os 1700 anos do Concílio Ecumênico de Nicéia, que entre outros temas tratou também da definição da data da Páscoa. Ainda hoje, *“posições diferentes”* impedem a celebração no mesmo dia do *“o evento fundante da fé”*, ressalta, lembrando que, no entanto, *“por uma circunstância providencial, isso acontecerá precisamente no ano de 2025”* (n. 17).

Alcançar a Paz: Francisco espera que *“o primeiro sinal de esperança”* do Jubileu *“se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra”* (n.8).

Aumentar as taxas de natalidade: Com preocupação, o Papa Francisco observa a *“queda na taxa de natalidade”* que está sendo registrada em vários pa-



íses e por vários motivos: “dos ritmos frenéticos de vida”, “dos receios face ao futuro”, “da falta de garantias de emprego e de adequada proteção social” e “de modelos sociais ditados mais pela procura do lucro do que pelo cuidado das relações humanas”. Para o Papa, há uma “necessidade urgente” de “apoio convicto” dos fiéis e da sociedade civil ao “desejo” dos jovens de gerar novas crianças, para que o futuro possa ser “marcado pelo sorriso de tantos meninos e meninas que, em muitas partes do mundo, venham encher os demasiados berços vazios” (n. 9).



Sinais tangíveis de esperança para os presos: Propõe aos governos “formas de anistia ou de perdão da pena”, bem como “percursos de reinserção na comunidade”. Acima de tudo, o Papa pede “condições dignas para quem está recluso, respeito pelos direitos humanos e sobretudo a abolição da pena de morte” (n. 10). Para oferecer aos prisioneiros um sinal concreto de proximidade, o próprio Pontífice abrirá uma Porta Santa em uma prisão.

Esperança para os doentes: Sinais de esperança também devem ser oferecidos aos doentes, que se encontram em casa ou no

hospital: *“O cuidado para com eles é um hino à dignidade humana”* (n. 11). A esperança também é necessária para os jovens que, com tanta frequência, *“veem desmoronar-se os seus sonhos”*.

Boas expectativas para os migrantes: Mais uma vez o Papa pede que as expectativas dos migrantes *“não sejam frustradas por preconceitos e isolamentos”* (n. 13).

Cuidar dos idosos e pobres: O Papa Francisco não se esquece, na Bula, dos muitos idosos que *“experimentam a solidão e o sentimento de abandono”* (n. 14). Também não se esquece dos *“bilhões”* de pobres a quem *“falta o necessário para viver”* e *“sofrem a exclusão e a indiferença de muitos”*. *“É escandaloso”*, de acordo com Francisco, que os pobres constituam a maioria da população de um mundo *“dotado de enormes recursos destinados em grande parte para armas”* (n. 15).

Perdão das dívidas: Outro convite sincero é dirigido às nações mais ricas para que *“reconheçam a gravidade de muitas decisões tomadas e estabeleçam o perdão das dívidas dos países que nunca poderão pagá-las”*. *“É uma questão de justiça”*, escreve o Papa Francisco, *“agravada hoje por uma nova forma de desigualdade”*, como a *“dívida ecológica”*, especialmente entre o Norte e o Sul (n. 16).

O testemunho dos mártires: Na Bula do Jubileu, o Papa convida a olhar para o testemunho dos mártires, pertencentes às diversas tradições cristãs, e expressa o desejo de que durante o Ano Santo esteja presente o aspecto ecumênico.

As Igrejas Orientais: O Papa dirige *“um convite especial”* aos fiéis das Igrejas Orientais que *“tanto sofreram, muitas vezes até à morte, pela sua fidelidade a Cristo e à Igreja”*. Esses irmãos devem se sentir *“particularmente bem-vindos a Roma, que também é Mãe para eles e conserva tantas memórias da sua presença”* (n. 5).

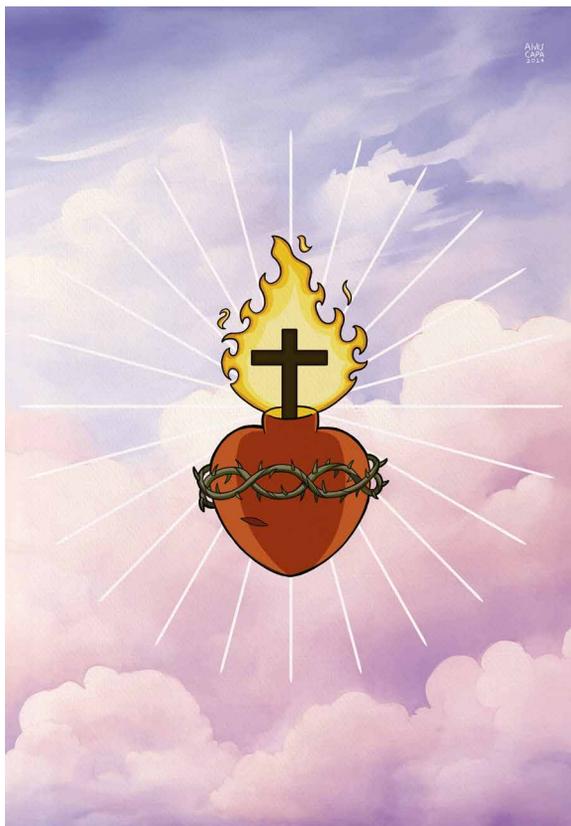
Oração nos santuários marianos: Francisco também convida os “peregrinos que vierem a Roma” a rezar nos santuários marianos da cidade para invocar a proteção de Maria, de modo a “*experimentalmente experimentar a proximidade da mais afetuosa das mães, que nunca abandona os seus filhos*” (n. 24).

Processo em vista do XVIII Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora: Desde 2019, com uma pausa no tempo da pandemia, há uma equipe que reflete sobre a caminhada sinodal a ser trilhada em vista da construção do XVIII Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora. O tema escolhido e aprovado na reunião do clero é: No Caminho, guiados pelo Espírito, nos escutamos e formamos comunidade. O lema escolhido é “*Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles*” (Lc 24,15).

Já demos alguns passos: o primeiro foi promover uma escuta através de um questionário pré-elaborado, na qual ouvimos mais de 2.700 pessoas de todas as paróquias e pessoas de fora das nossas comunidades, orientada por uma equipe multidisciplinar. O segundo passo foi sistematizar essa escuta. O terceiro passo foi submeter essa síntese ao parecer de alguns padres, teólogos, bispo, pastoralistas, sociólogos, coordenações de pastorais etc. O objetivo era contribuir com sugestões que poderão ser incluídas na síntese, em vista de ajudar a interpretar os dados e as informações. Estamos no quarto passo, a equipe de síntese está elaborando um texto base que contempla os dados, as informações e os pareceres. O quinto passo será submeter o texto base aos conselhos de pastorais, dos decanatos (CPD), das paróquias (CPP), das comunidades (CPC) e da arquidiocese (CPA) ou qualquer outra organização para fazer as emendas que acharem oportunas incluir ao texto. Ainda daremos o sexto passo, com a elaboração do texto para as pré-assembleias. No sétimo passo, realizaremos várias pré-assembleias para apontar os encaminhamentos na

elaboração do XVIII Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora.

O oitavo passo será de conclusão com a assembleia deliberativa, quando será aprovado o XVIII Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora. Todo esse processo será enriquecido, ainda mais, com os momentos celebrativos da nossa caminhada com a peregrinação em vista do Jubileu 2025. Peregrinemos na Esperança que não decepciona!



14. PROGRAMAÇÃO NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA

- a. A abertura do Jubileu será no dia 29/12/2024 na Catedral de Londrina. A celebração começará às 10h na Concha Acústica;

- b. O importante e indispensável no Jubileu é a peregrinação. A peregrinação acontecerá sempre no 3º e no 4º sábado de cada mês. Cada decanato, paróquia, pastoral, movimento, serviço e organismo pode se articular para fazer também a peregrinação no domingo. Responsáveis arquidiocesanos, decanais, paroquiais, de pastorais, movimentos ou serviços deverão inscrever suas peregrinações no site da arquidiocese pelo link: www.jubileu2025.arquidioceselondrina.com.br.
- c. Ficou assim estabelecido para o dia da peregrinação de cada decanato, pastoral, movimento, serviço e organismo (no sábado):
- 14h – Acolhida e formação no Santuário.
- 15h – Início da peregrinação (o trajeto em si demora perto de 35 minutos, mas como será uma peregrinação, há que se fazer com calma). Durante o trajeto serão realizadas algumas paradas.
- 16h30 – Missa na Catedral de Londrina;
- d. Eventualmente também podem acontecer caminhadas no 1º e no 2º domingo de cada mês. Isto precisa ser previamente combinado com os párocos da Catedral e do Santuário Nossa Senhora Aparecida. Para os domingos, fica definido o seguinte horário:
- 8h – Acolhida e formação no Santuário;
- 9h – Início da peregrinação;
- 10h – Missa na Catedral de Londrina.
- e. A presidência da Missa na Catedral de Londrina no dia da peregrinação é responsabilidade do padre decano. Caso o decano não possa, o decanato articulará outro padre para presidir. No caso das pastorais, movimentos, serviços e organismos, fica a cargo do assessor arquidiocesano. Caso aconteça de haver mais de um decanato ou mais de uma pastoral, movimento, serviço e organismo no mesmo dia, os respectivos decanos e assessores negociam e deci-

dem entre si sobre a presidência da Missa. A mesma deverá ser comunicada ao pároco da Catedral o quanto antes possível;

f. Atendimento das confissões:

1. Cada decanato poderá organizar o atendimento das confissões no mesmo molde das confissões em preparação ao Advento e à Páscoa, cada noite em uma paróquia;
2. No Santuário Nossa Senhora Aparecida haverá atendimento de confissões, mas para a peregrinação é importante que cada decanato atenda seus penitentes. No dia da peregrinação não haverá possibilidade de confissões para todos;
3. Recomenda-se a todos os sacerdotes que organizem o seu tempo para atender a contento o povo de Deus que pretende fazer a sua peregrinação jubilar e receber a Indulgência Jubilar;

g. Encerramento do Jubileu: O encerramento do Jubileu na Arquidiocese de Londrina será realizado no dia 27/12/2025, na Catedral de Londrina, às 18h.

15. CONCLUSÃO. Confio a programação do Jubileu de Esperança ao Sagrado Coração de Jesus. Rezo para que muitos possam refazer a sua fé e fazer um encontro pessoal com Jesus Cristo, nossa Esperança. Que todos possam viver a alegria do Jubileu e consigam viver a *“Esperança que não decepciona”* (Rm 5,5). Aproveitem o mais possível este ano de graça. Aproveitem individualmente, em família, em comunidade, em paróquia e como arquidiocese que somos. Planejem a sua participação mais intensa nas datas mais importantes da sua vida: dia do seu batismo, da sua Primeira Eucaristia, dia da sua Crisma, dia do seu casamento etc. Que a força da esperança encha o nosso presente, aguardando com confiança o regresso do Senhor Jesus Cristo, a Quem é devido o louvor e a glória agora e nos séculos futuros.

Fraternalmente vos ofereço a bênção do Deus Pai e Filho e Espírito Santo.

Londrina, 6 de dezembro de 2024.



DOM GEREMIAS STEINMETZ

Arcebispo Metropolitano de Londrina

Referências Bibliográficas

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Spe Salvi***, 2007

BENTO XVI. **Exortação *Verbum Domini***. 2010

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001

FRANCISCO. Prefácio do Papa Francisco. In: COMASTRI, Angelo. **Rezar Hoje**. Brasília: Edições CNBB, 2024.

FRANCISCO. ***Spes non confundit*** – Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do ano de 2025. 2024

MOLTMANN. **Teologia da Esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.



**ARQUIDIOCESE
DE LONDRINA**

CENTRO DE PASTORAL JESUS BOM PASTOR

Rua Dom Bosco, 145 • CEP: 86060-340 • Londrina-PR
(43) **3371-3141** • secretariadopastoral@mitralondrina.com.br

www.arquidioceselondrina.com.br